

MITO E MODERNIDADE EM DOIS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ms. Edna Silva Faria (Anhanguera Educacional – FLA)¹

Numa época de tantas modernidades, em que se privilegia a técnica e a ciência, falar em mitos não é tarefa fácil. Este estudo pretende demonstrar como os mitos são revisitados em duas narrativas de Lygia Fagundes Telles.

Vários foram os estudiosos que se detiveram nos estudos dos mitos, destacando-se Bachelard, Gilbert Durand, Mircea Eliade, Roland Barthes, Lévi-Strauss. Tais estudos apontam concepções diferentes acerca de assunto tão intrigante, contudo, mais intrigante é a questão que se faz neste momento: os mitos ocupam lugar no mundo hodierno? Que lugar eles ocupam?

De acordo com Welck & Warren (2000), “mito” é um termo favorito da crítica moderna, pois aponta e para sobre uma importante área do significado, compartilhada pela religião, pelo folclore, pela antropologia, pela sociologia, pela psicanálise, e por outras áreas do conhecimento. Durante alguns séculos, esse teve uma conotação pejorativa, porém, após essa época, adquiriu outra concepção, constituindo-se como um tipo ou equivalente da verdade. Ainda segundo esses estudiosos, o mito segue o ritual e é correlativo a ele.

Na incessante tentativa de levar o homem a se reconhecer e a se conhecer melhor, autores, escritores, artistas trabalham a expectativa de se quebrarem barreiras, ultrapassarem fronteiras, e propiciar o encantamento da “disposição anímica”, o reconhecimento do homem como indivíduo e como ser coletivo.

Dentre tantas tentativas de definição do mito, uma concepção é partilhada pelos estudiosos: os mitos são elementos pertinentes a uma coletividade, partilham, portanto, a representatividade do conjunto. Segundo Eliade (apud BRANDÃO), mito compõe a narrativa de algo que não era e passou a ser.

Tanto o mundo exterior quanto o interior, os dramas, as felicidades e tristezas humanas continuam sendo vivenciadas e retratadas de maneiras diferentes, com variadas interpretações, sendo representados nas mais diversas formas textuais e artísticas.

O estudo dos mitos é marcado por várias tentativas de emprego da palavra “mito”, contudo, para todos os estudiosos, ele configura um fator de coesão social. Pierre Brunel (1997, p. 731), aponta que:

na literatura será considerado ‘mito’ um relato (ou uma personagem implicada num relato) simbólico que passa a ter valor fascinante (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana mais ou menos extensa, à qual ele propõe a explicação de uma situação ou uma forma de agir.

Vive-se uma época de dessacralização, de fragmentação do homem que, embora experimentando alternativas e oportunidades diferentes, ainda apresenta em seu comportamento e na sua forma de vivenciar o mundo uma influência dos mitos. É por

¹ edfar@yahoo.com.br

meio da literatura e de seu produto que o mito pode se exprimir da melhor e mais contundente maneira.

Entretanto, de acordo com Brunel (1997), há alguns aspectos consideráveis a respeito do mito numa obra, como, por exemplo, aquilo que o autor quis fazer da sua versão do mito, ou seja, em que e por que ele inova, o que a época e a mentalidade coletiva expressam através de suas intenções” e as implicações apresentadas por meio dessa atualização.

Segundo Durand (2001), O mito é um sistema dinâmico de símbolos próprios para comporem-se em narrativa.

O texto literário retoma e reedita imagens míticas, sedimentadas pelo tempo, porém revisitadas e reapresentadas ao mundo por diferentes óticas, de acordo com aquilo que o autor intenciona em sua obra. Por esse motivo, foram selecionados dois contos “Venha ver o pôr-do-sol” e “Um coração ardente”, de Lygia F. Telles, numa tentativa de apresentar de que maneira essa autora evidencia a presença dos mitos em seus contos. Ela recupera esses mitos ou apresenta uma visão de mundo totalmente desmitificada? Os mitos ocupam lugar em seus contos? Que lugar ocupam? E, alargando mais o questionamento, chegamos a uma outra pergunta extremamente significativa: os mitos ocupam lugar no mundo moderno?

O primeiro conto trata da história de duas personagens: Ricardo e Raquel. Tudo se inicia quando, após o fim conturbado do relacionamento e de um longo período sem se verem, Ricardo propõe a Raquel um encontro em um cemitério abandonado que ele diz conhecer bem, para que recordem os bons tempos que tiveram juntos e façam voltar a velha amizade. Raquel deixa-se levar pelas afetuosas e meigas palavras de Ricardo, cuja intenção é vingar-se da ex-namorada pela traição cometida.

Assim, no belo entardecer do dia desse encontro, Ricardo conduz Raquel através dos túmulos e jazigos até chegarem a uma tumba abandonada, situada no ponto extremo do cemitério. Alimentado pelo ciúme e fortalecido pela sede de vingança, Ricardo tranca Raquel na tumba, vai embora, deixando-a à mercê do tempo necessário para que a morte chegue e ela pague pelo erro que cometera.

A temática do conto assemelha-se à de outros: o jogo alternativo entre amor e morte, sugerindo que o primeiro possa completado pela existência do último. É uma narrativa realizada sob o impacto de forte tensão, intensificada por diálogos inteligentes, precisos, vívidos.

O conflito protagonizado pelos personagens apresenta uma luta acirrada entre o bem e o mal, o amor e morte. A ironia presente nos diálogos é um recurso empregado pela autora a fim de evidenciar a tênue linha que existe entre o amor e o ódio. Significativa é a relação conturbada entre Raquel e Ricardo, em que o exagero do sentimento converte-se no mais profundo anseio de vingança. Por meio desse jogo antagônico, Telles retoma e atualiza o mito de Eros e Tânatos, unificando-os na figura de Ricardo.

Segundo a mitologia, Eros nasceu ao mesmo tempo que a Terra e, de acordo com os órficos, nasceu do Oco primordial. Além de ser uma das divindades primordiais “Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida. É uma força fundamental do mundo; assegura não somente a continuidade das espécies, como a coesão interna do Cosmos”. (Dicionário de mitos gregos e romanos, 1976, p. 64).

Platão apresenta em *O Banquete* uma visão diferente da figura de Eros. Conforme aponta o filósofo, Eros

[...] teria nascido da união de Poros (Recurso) e Pênia (Pobreza), no jardim dos deuses após um festim para o qual foram convidadas todas

as divindades. A esta origem deve caracteres bem significativos: sempre em busca de seu objetivo, como Pobreza, ele sabe imaginar um meio de chegar a seu alvo, como Recurso. Longe de ser um deus poderoso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta. (Dicionário de mitos gregos e romanos, 1976, p. 65).

O comportamento de Ricardo, no desenrolar da trama, encaixa-se perfeitamente na descrição que Platão elabora sobre Eros. É latente a insatisfação do rapaz com a situação que vivencia. A raiva que carrega dentro de si intensifica a inquietude desse personagem, impelindo-o a executar seu grande plano de vingança como forma de demonstrar o poder que tem sobre Raquel.

Na maneira tal como Platão expõe a figura de Eros, nota-se um processo de desmistificação desse elemento mitológico, uma vez que se apresenta isento da força e poder que normalmente lhe são atribuídos. Desse modo, ao comportar insatisfação e inquietude, Eros e Ricardo aproximam-se e este, ser humano comum, despido de grandes virtudes, imbuído por um suposto sentimento de amor, consegue chegar ao pretendido alvo e realizar seu objetivo.

Ricardo personifica a ligação de dois elementos antagônicos – amor e morte. Essa união intensifica os sentimentos negativos que habitam o coração da personagem. Não há lei ou código de moral para impedi-lo de tirar a vida de Raquel. Assim, Telles revigora dois mitos poderosos num ambiente em que o homem faz sua própria lei, ultrapassando os limites humanos e morais, assegurando-se de sua quase divindade.

Denis de Rougemont (2003, p. 28) destaca a ocorrência do poder do mito exatamente onde inexitem categorias morais, esclarecendo que “o mito só exerce seu poder precisamente onde desaparecem todas as categorias morais – para além do Bem e do Mal, no *transporte* e na transgressão do espaço onde a moral prevalece”. (grifo do autor)

O relacionamento vivido por Ricardo e Raquel demonstra a ausência de um código moral entre ambos, criando um espaço livre para que cada um aja de acordo com as suas vontades, não importando se, para isso, seja necessário sacrificar a vida do outro. Operando com elementos similares de uma história já conhecida, Telles revisita outro símbolo da mitologia grega. A capacidade de renová-los intensifica a força de cada personagem. No caso do qual tratamos, vemos acrescentar à retomada do mito da descida ao Inferno e da figura de Eros uma referência a Orfeu.

A história de Orfeu comporta episódios de façanha e perseverança. Segundo a mitologia, Orfeu era exímio músico e poeta, além de sábio e instruído nas práticas religiosas de diferentes povos. Sua descida ao Inferno deu-se por causa de sua noiva, Eurídice, morta no dia de suas núpcias. Decidido e resoluto, Orfeu parte atrás de sua amada e, contando com a benevolência de Plutão e Prosérpina, consegue salvá-la. Eis que, desobedecendo a uma ordem dos deuses, olha para trás a fim de ver Eurídice. Esta cai para sempre no mundo do Inferno. Orfeu sofre, pois “Os deuses não lhe permitiram tentar uma nova descida ao Inferno e ele se retirou para a Trácia, onde não cessava de chorar e cantar sua desgraça, acompanhando-se à lira” (COMMELIN, 2000, p. 285).

A narrativa protagonizada por Ricardo e Raquel, partindo de um tema comum, traz à tona um outro lado do ser humano, um lado mais recôndito, deixado muitas vezes em mais profundo segredo.

O que observamos no comportamento de Ricardo é uma reversão do mundo de Orfeu, uma vez que a descida por ele empreendida não ocorre com o objetivo de salvar a amada, possibilitando-lhe mais uma chance de viver e sim o oposto. De salvador Ricardo não tem nada. Ele é o algoz que enterra a presa viva, de forma que ela não tenha recuperação. Orfeu busca a salvação de Eurídice mais de uma vez. O desejo de

que ela possa viver novamente é tão grande que o impele a se humilhar diante dos deuses para que o auxiliem, devolvendo à vida aquela que tanto ama. A insistência provada em sua atitude revela um homem apaixonado que se recusa a receber o amor de qualquer outra mulher.

Ricardo, ao contrário, quer ver-se livre de Raquel para sempre. O grande amor existente cede lugar ao desejo de vingança. Deixá-la abandonada em uma tumba de cemitério é a prova de nefasto sentimento. Não lhe interessa o fim trágico do qual será autor e testemunha.

A decadência moral apresentada pelas personagens, o rompimento da norma são fatores que favorecem a retomada dos mitos na narrativa. Os limites foram postos à prova e a força humana supera a divina. O homem escolhe onde, como e por que agir, não esperando que a justiça seja temporizada. Sua ação não faz convergir para si a culpa por ter agido desta ou daquela maneira, como fez Ricardo com Raquel. Segundo Staiger, é uma validade inquestionável, porque somente um mundo sólido, seguro e estável pode desmoronar.

O desmoronamento do mundo de Raquel é exemplo da reviravolta que ocupa lugar no mundo real. A tranqüilidade e a segurança são substituídas pelos seus respectivos opostos. A ordem geral é substituída por uma nova ordem individual, a qual transforma vítimas em culpados e culpados em vítimas.

Nas tramas desenvolvidas por Telles em seus contos é latente a ocorrência da morte. Em alguns deles o clima mórbido é mais acentuado, como se a intenção da autora fosse, além do suspense e da tensão, oferecer uma atmosfera de morbidez aos textos, ressaltando a profundidade da alma humana e intensificando o caráter trágico da vida. O tratamento dado à morte assume um caráter de dualidade: por vezes é intensificado e supervalorizado e, por outras, imprime-se-lhe um tom de obviedade, chegando à banalização.

“Um coração ardente” é outra narrativa elaborada com maestria por Lygia Fagundes Telles. Mantendo aceso o intuito de lançar seus leitores às maiores profundezas do ser humano, novamente a autora trabalha com um enredo pontilhado de sentimentos que despertam ações inesperadas, que provocam atitudes impensadas, cujos resultados nem sempre são satisfatórios, envolvendo também a morte. Entretanto, esse fato é tratado sob uma perspectiva diferente dos demais.

A narrativa inicia-se apresenta a história de um velho cujos talentos despertaram-no para uma vida de escritor na juventude. Entretanto, sem vocação para exercer alguma das carreiras profissionais sonhadas, desiste de escolher uma delas. O elemento mais marcante dessa pessoa é o fato de possuir um coração diferente dos demais: o seu era um coração ardente e esse elemento é fundamental para tudo o que viveria em sua vida, assim como influenciaria todos os atos que ele cometeria e, por ironia do destino, se repetiriam na vida do filho.

Atos é o filho. Herdou do pai um coração tão ardente como o do seu genitor e que, de forma semelhante, repercutiria no destino do filho, resultando em acontecimentos irreparáveis, como o pai descreve:

Atos herdou de mim esse tipo de coração. Gente assim ri mais, chora mais, odeia mais, ama mais... Ama mais, principalmente isso. Ama muito mais. É uma espécie de gente inflamável, que está sempre se queimando e se renovando sem parar. (TELLES, 1961, p. 44)

Entrecruzando as falas do personagem que é pai e do próprio narrador, vai-se, aos poucos, conhecendo a personalidade daquele que influenciará a vida do filho, que se mata com apenas vinte anos.

Dessa ebulição de dúvidas e desacertos fortalecidos pela sensação de nulidade, o jovem é tomado pelo desejo de fugir, de desaparecer, de vagar o mundo. A dificuldade de encontrar-se e adaptar-se, de achar seu centro, impelia-o a uma fuga desatinada, como se fosse possível fugir de si mesmo e do que o deixava amargurado.

A necessidade de encontrar seu eu e terminar a busca insaciável para o conhecimento de si mesmo foi substituída pelo desejo tão insaciável quanto o outro: o desejo de amar.

Insatisfação pessoal e raiva unem-se, fortalecendo todos os sentimentos negativos que coexistiam nessa pessoa, direcionando o interesse que ele mostrava sobre si para uma outra tão necessitada de cuidados quanto ele.

Dominado pelo forte desejo de encontrar-se e de encontrar respostas para suas dúvidas dilacerantes, o jovem rapaz busca, na figura de uma prostituta, a resolução dos problemas que o atormentam. Essa ação é extremamente significativa, pois, procurar alguém que ele possa transformar em uma nova pessoa é uma maneira de tentar construir a si mesmo. A nova pessoa é a compensação das falhas que encontra em si mesmo, das quais queria ver-se livre e, contraditoriamente, não conseguia se livrar. Trazer a moça para a “luz” e “buscá-la no fundo, bem lá no fundo”, corresponde à busca de um eu não-revelado, desconhecido, ou, pelo contrário, conhecido, entretanto, que não agrada e nem completa o indivíduo.

Cansado de uma vida desorientada, influenciada por filósofos pessimistas e escritores trágicos, a personagem anseia por outras possibilidades, novos caminhos e também por encontrar alguém que o auxilie nessa trajetória. O fato de procurar por uma pessoa que o ajude, que lhe traga de volta a expectativa de realizar-se, revela-se irônico quando a busca é iniciada em um prostíbulo, local improvável para o florescimento de uma relação amorosa concebida de maneira tão idealizada. Irônico também é o fato de a moça por quem ele se interessa chamar-se Alexandra Ivanovitch. Alexandra é de origem russa e o significado do seu nome é pertinente àquilo que o protagonista da história busca. Alexandra, cujo diminutivo é Sacha, significa luz, um novo caminho, uma nova direção. Essa escolha é bem característica da forma construtiva adotada por Telles.

Após o primeiro contato com Alexandra, o jovem inicia seu trabalho para torná-la uma grande mulher. A moça é uma pessoa silenciosa e em momento algum expressa vontade de sair do local onde mora, tampouco deixa transparecer o desejo de abandonar a vida que leva. Esse fator será um complicador para o relacionamento que floresce entre os dois, pois o que Atos almeja é transformá-la em uma verdadeira dama, uma vez que a considerava infeliz naquele local.

As ações de Atos revelam a incoerência entre o que deseja e o que possui. Na ânsia por encontrar alguém que o ajude a direcionar sua vida, termina por interferir na trajetória daqueles com quem convive. Busca encontrar em Alexandra as respostas para seus questionamentos, entretanto, não aceita do jeito que ela é. A possibilidade de ficarem juntos subentende uma mudança radical no estilo de viver.

No texto, a história de Atos e Alexandra apresenta uma similaridade com o mito de Pigmalião, cuja história baseia-se na procura de promover uma mudança na personagem feminina.

De acordo com a mitologia:

A raça dos Propétidas negou a divindade de Vênus e, enfurecida, a deusa transformou suas mulheres em prostitutas. Quando Pigmalião

viu a vida que levavam, jurou que permaneceria celibatário. Esculpiu uma estátua de marfim, branca como a neve, mais bela do que qualquer mulher, e apaixonou-se por sua própria criação. Acariciava-a e abraçava-a, e a namorava como se fosse viva. No festival de Vênus, rogou à deusa que desse vida à estátua, ela o atendeu e esteve presente ao casamento. (CARR-GOMM, 2004, p. 185)

Outra versão para a história de Pigmalião pode ser encontrada, apresentando pequenas alterações, como a que segue:

Pigmalião via tantos defeitos nas mulheres que acabou por abominá-las, e resolveu viver solteiro. Era escultor e executou uma escultura de marfim tão bela que nenhuma mulher de verdade com ela poderia comparar-se. [...] esta próximo o festival de Vênus, celebrado com grande pompa em Chipre. [...] Depois de ter executado sua parte nas solenidades, Pigmalião de pé, diante do altar, disse, timidamente:

— Deuses, vós que tudo podeis, dai-me por esposa... — não se atreveu a dizer “minha virgem de marfim”, mas acrescentou: ... alguém semelhante à minha virgem de marfim. Vênus, que estava presente ouviu-o e compreendeu o pensamento [...]. Ao voltar para casa, Pigmalião foi ver a estátua e, debruçando-se sobre o leito, beijou-a na boca. Os lábios pareceram-lhe quentes. [...] Estava realmente vivo! O corpo, quando apertado, cedia aos dedos, [...]. Vênus abençoou as núpcias que propiciara... (BULFINCH, 2001, p.79).

As alterações em torno da história desse mito não são impedimentos para se estabelecer a ligação com o conto estudado. Telles utiliza, como modificação primeira, a figura de uma moça de verdade, “de carne e osso”, para tornar mais verossímil sua história.

A segunda mudança notada diz respeito ao próprio Pigmalião que, na mitologia, opta pelo celibato ao se decepcionar com as mulheres, contudo, Atos, protagonista do conto, ao contrário, busca uma mulher desprovida de possibilidades materiais e espirituais para realizar sua grande vontade de “construir” uma personalidade feminina.

A terceira e mais sugestiva modificação refere-se ao final da história de ambos: por intermédio de Vênus, Pigmalião vê sua criação ganhar sopro de vida e a esposa, tendo, provavelmente, um final feliz com ela. Nesse caso, criador e criatura estreitam seus laços e se conduzem a uma vida harmoniosa e feliz. Há um encadeamento dos fatos para que o resultado seja positivo e a felicidade se concretize.

Em contraposição, Atos supõe e espera que suas ações conduzam também a um final feliz e que sua intenção de promover uma vida nova a alguém se realize. É nesse ponto que as duas histórias se divergem, apontando para direções totalmente opostas.

Atos propõe, por meio de muitas e variadas maneiras, que Alexandra abandone a vida que leva, una-se a ele, correspondendo assim, à imagem da mulher idealizada por ele. Entretanto, o que vê ocorrer é que ela se nega a realizar tal vontade, contrariando as expectativas do amante.

A narrativa é fortemente marcada por antagonismos. O que Atos oferece a Alexandra não corresponde ao que ela deseja. E a forma como ela vive não corresponde ao que ele espera da mulher amada. Existe amor entre os dois, entretanto, as disparidades encontradas por um e outro impõem limites ao relacionamento.

Enquanto vemos Pigmalião ser abençoado em sua união e realizar seu desejo de possuir uma mulher perfeita, o protagonista ainda não alcançou a realização desse sonho.

Partindo do princípio da existência de uma ordem, de uma lógica, nada mais natural que Alexandra aceitar o pedido ou acatar as ordens de Atos, mudando-se para o pensionato e transformando-se em uma perfeita dona de casa, segundo o modelo pré-estabelecido. Nesse caso, a vida seguiria seu curso normal e, mesmo com alguns atropelos, as personagens poderiam se realizar.

Contudo, a impossibilidade de dominar o destino, provoca uma reviravolta na história de Atos. O desconhecimento sobre o futuro não oferece explicações para justificar esta ou aquela escolha. O homem tem domínio sobre seu destino? A resposta é incerta, mas o homem atrai para si as conseqüências das opções que realizou.

Atos acompanhava sarcástico a cena da morte da prostitua vizinha ao quarto de Alexandra. Indiferente ao sofrimento das que a acompanhavam, parecia até divertir-se com a situação a que assistia. Ele se diverte com a queda da moça, cuja insatisfação com um destino tão deprimente e um modo de vida tão depreciador intensificam o sofrimento. Envolvida em um ambiente de incertezas, sem a possibilidade de mudança para melhor, a única forma de justiça plausível nesse mundo de injustiça desenfreada é a morte. Assim, vemos apresentar-se a visão nietzschiana no que diz respeito ao mundo trágico, quando ele afirma que neste mundo não há redenção.

A narrativa desenvolvida no conto é uma forma exemplar da questão da justiça, quando homens a impetram sobre si mesmos ou sobre os demais, partindo de um referencial único e acreditado como o mais verdadeiro.

O comportamento da personagem Atos é um índice claro desse “fazer justiça”. Descontente com o mundo em que vive e consigo mesmo, procura mudar a vida de outra pessoa acreditando fazer o melhor por ela. Na mente de Atos não há atitude mais justa do que retirar Alexandra da prostituição e torná-la uma respeitosa mulher da sociedade, mesmo que para alcançar esse resultado ela perca sua própria essência. Resolvendo os problemas da amante, ele vê também resolvidos os seus, e redimidos os desacertos cometidos por ambos.

De acordo com Williams, o homem moderno tem uma vida limitada pelo sistema e pelas relações interpessoais. A impossibilidade de realizar-se como mulher de família leva a moça a suicidar-se. A outra prefere a prostituição a uma vida familiar, provavelmente por experiências dolorosas que tenha vivido no passado.

Quando os valores se perdem, perde-se também a direção, o motivo, a necessidade de se viver evidencia-se o homem fora de si, cambaleante, que já não pode sobreviver como homem, uma vez que sua vida perdeu todo o sentido.

A história vivida por Atos, o que age, demonstra a ausência de nexos que pode haver na vida, na existência dos seres, dos homens. Enquanto empenham-se em conseguir satisfação ou sentirem-se completos, embrenham-se por vias obscuras, tortuosas, repletas de surpresas que nem sempre são as melhores. Sabem que terão conseqüências, que as certezas poderão ser substituídas por imprevistos, ou por ocorrências imprevisíveis e nem assim desistem. Pagam o preço necessário. Sabem que a vida humana, apesar de estudada, questionada, exposta, guarda segredos e é regida por uma lógica incoerente, indeterminada, relativa. O que é certo em um segundo, pode ser errado em outro. Apenas a natureza segue a sua lógica constante e certa. E é isto o que a coloca acima da lógica humana.

A visão que temos do mundo e dos outros nem sempre corresponde àquilo que é verdadeiro, principalmente quando os observamos inseridos dentro de determinado grupo, levando a um julgamento enganoso ou a equívocos talvez irremediáveis.

De acordo com Williams, o homem moderno tem uma vida limitada pelo sistema e pelas relações interpessoais. A narrativa desenvolvida no conto é uma forma exemplar da questão da justiça, quando homens a impetram sobre si mesmos ou sobre os demais, partindo de um referencial único e acreditado como o mais verdadeiro.

Nessa contextura, as ações de personagens criados por Telles revelam sua genuína intenção, num mostrar-se a si mesmos, evidenciando as verdades individuais. Empregando estratagemas os mais variados possíveis, cada um se sente impelido a lutar pelo que deseja, em infindáveis e surpreendentes tentativas, a fim de conseguir alcançar o ambicionado resultado de sua tarefa. Dessa forma, o homem é despido, revelado de suas máscaras, tornando-se reconhecido pelo que realmente é.

De uma história de amor como outra qualquer, vemos transparecer uma intensa vontade de vingança, um forte desprezo pelo outro e um acentuado egoísmo. A vida é banalizada, tornando-se um mero instrumento de satisfação pessoal. A morte é a purgação do mal que se torna impossível de ser aceito ou vencido. As ações são realizadas como prova de força, de poder, ressaltando o lado primitivo do ser humano.

Entre o passar do tempo e o desenvolvimento do mundo, o que foi feito, descoberto, transmitido, lidamos com acontecimentos e sentimentos diferentes. Influenciado pelo passado e na ânsia pelo novo, o homem se insere num contexto que revisita, transforma e opera com elementos mitológicos. Por esse motivo, pode-se afirmar que os mitos são ainda uma constante no mundo moderno, na vida humana e nas relações estabelecidas pelos seres.

Os mitos operam com uma estrutura própria, com um dinamismo particular, renovando-se, porém sedimentando-se entre os homens, sua vida e sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis, 9. ed.: Editora Vozes, 1999 – 3 vol.

BULFINCH, Thomas. **O livro de Ouro da Mitologia**. Histórias de Deuses e Heróis. Trad.: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, 25. ed.: Ediouro, 2001, p.79.

CARR-GOMM, Sarah. **Dicionário de Símbolos na Arte**. Guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. Trad.: Marta de Senna. Bauru: EDUSC (Editora da Universidade Sagrado Coração), 2004, p. 185.

COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana. São Paulo. 2. ed.: Abril Cultural, 1976.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, 6. ed.: Perspectiva, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr-do-sol. In: _____. **Antes do Baile Verde**. 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123 –131.

_____. **Histórias escolhidas**. São Paulo: Boa Leitura Editora S. A., 1961.